

A PEDAGOGIA DO AMOR

Durante os anos tenros da nossa infância, nem todos tivemos a mesma sorte. A alguns, deserdados, faltou quase tudo quanto os direitos humanos consagram. Outros, privilegiados, usufruímos dum estatuto mais feliz, até tivemos duas mães: uma biológica e outra cultural, ambas exercendo acções convergentes e complementares, de que só mais tarde entenderíamos os valores relativos em presença. Ao entrar, e no meu caso pessoal ao reentrar, para a escola primária, nunca esperaria tantas alegrias para além daquelas que a família já me havia proporcionado.

A pedagogia é um acto de amor por excelência e, até hoje, nunca ninguém como a Senhora Dona Bernardete Jardim Gonçalves terá sido capaz de o desempenhar de forma tão dedicada e perfeita. Apesar da distância temporal que me separa desses bons tempos, é impossível esquecer qualidades que não se repetem e marcam para sempre os que com elas tiveram a felicidade de conviver e aprender. Conviver já era aprender, a sua presença consolidava a ideia, algures expressa, de que um pedagogo vale mais pelo que é do que pelo que faz. Neste caso particular, os verbos sobrepunham-se. O exercício da sua amizade, a autoridade pessoal e intelectual que emanava, balizavam um caminho marcado por valores fáceis de transmitir porque neles acreditava com a maior convicção. A disciplina era fácil e insofismável. Bastava-lhe olhar por cima dos óculos, num simples relance, para que as brincadeiras se transformassem em atenção e a aula prosseguisse com a normalidade esperada. O tempo voava célere e a sua gestão simultânea de quatro classes na mesma sala era um exercício policrónico digno da maior admiração.

A diferença entre o essencial e o supérfluo, através da selecção de textos, espírito de síntese e eloquência, ainda hoje marcam de forma indelével as opções que se me deparam. Entre o aprender, o saber, o saber fazer e o ser, não havia dúvida de que o que estava em causa, primordialmente, era a formação de pessoas, a consonância entre pensamento e acção, entre a acção e a inserção na vida real que nos esperava, quer em graus de ensino ditos mais adiantados, quer no futuro espreitando pelas janelas abertas sobre o amanhã. Foi bom, uma das recordações mais belas da vida, essa comunicação persistente e continuada com uma pessoa que nos transmitia através das palavras e dos actos as mensagens fundamentais para crescer na fraternidade entre os seres humanos.

Vivia-se então o complexo decénio de quarenta, com o mundo em convulsão face aos acordos explícitos ou implícitos pós 2.^a Guerra Mundial. O Colégio "Júlio Dinis", pela sua qualidade intrínseca, destinava-se a uma burguesia média alta a que eu próprio nunca havia pertencido, oriundo como era de família humilde e carenciada. Certo mistério me acompanhou ao longo dos tempos até ter compreendido que muitas vezes a minha mesada não teria sido paga e apenas ali estava porque aquela Senhora, numa rara acção de mecenato, me mantinha como "bolseiro". E assim terminei a então 4.^a classe com facilidade e proficiência, podendo afirmar que quase tudo o que sei, nas áreas mais fundamentais da vida, foi recolhido entre as paredes dignas e sérias daquele Colégio. Mais tarde, ao passar com sucesso pelo Liceu Jaime Moniz, estava sempre presente algo que vinha de longe, palavras e ideias tão definidoras do saber como do carácter. Ao visitar a Madeira anos depois, família constituída e vida profissional em curso, tive o repetido prazer de visitar a Dona Bernardete, dela recebendo o amor de sempre e apreciando a lucidez da mente e a profunda acutilância de olhos que tão longe viam.

Passado tanto tempo, a imagem da grande Senhora continua no coração dos que perante o seu rol de qualidades cumpriram os ritos de iniciação da juventude.

Por singular coincidência, muito antes de ter conhecimento da manifestação que ora se consuma, o meu recente livro de contos "Sombra em Clave de Sol" ostenta em abertura a seguinte "Dedicatória: À Senhora Dona Bernardete Jardim Gonçalves, inesquecível professora de instrução primária que me ensinou a amar a língua portuguesa." Ao associar-me a esta justa homenagem, ao colocar um modesto marco na riqueza da sua história, verto com amor uma lágrima filial e quente sobre a aura espiritual da sua querida e saudosa Memória.

Lisboa, 21 de Maio de 2000

Joaquim Evónio de Vasconcelos

(in **"Maria Bernardete Jardim Gonçalves – Professora-Mãe – Homenagem – Testemunhos de uma Vida"**, Teresa Mascarenhas e Ana Macedo e Sousa, Edições Golfinho, Oeiras, 2000)